

VICTOR HUGO E A TRADUÇÃO: TODO UM “CAMINHO DE PEDRA” QUE CONDUZ AO PARAÍSO

VICTOR HUGO AND TRANSLATION: A WHOLE DIFFICULT JOURNEY THAT LEADS INTO PARADISE

Chantal Louchet*
chantallouchet@ucp.pt

O objetivo é seguir a evolução do próprio pensamento de Victor Hugo sobre a conceção da tradução e do tradutor. De facto, em 1819, Victor Hugo ficou indignado com uma tradução de Homero em verso em língua francesa: “É monstruoso e insustentável”, declarando que “uma tradução em verso de qualquer pessoa, por qualquer pessoa parece-[lhe] absurda, impossível e quimérica”, sugerindo a priori que Victor Hugo é um defensor da intraduzibilidade. Na sua juventude, Victor Hugo entendia que qualquer tradução era proibida, um tabu, dando toda a importância ao próprio autor. Mas o seu ponto de vista irá evoluir com o tempo. O trabalho desenvolvido pelo seu filho François-Victor Hugo, de 1858 a 1866, trar-lhe-á um novo horizonte no campo da tradução. Labor severo, revalorizando assim a tarefa do tradutor, percorrendo um caminho árduo, mas estimulante. Tributário da sua época, com Victor Hugo, é todo um processo de renovação de ideias do discurso francês sobre a tradução que nos é entregue. O objetivo deste artigo é mergulhar no universo de Victor Hugo a fim de clarificar esta sua perspetiva evolutiva ao longo do século XIX. Fá-lo-emos analisando os seus escritos cronologicamente, desde as obras da primeira juventude, até às obras do seu exílio.

Palavras-chave: Tradução. Evolução. Victor Hugo.

The aim of this paper is to follow the evolution of Victor Hugo’s own thinking on the idea of translation and the translator. In fact, in 1819, Victor Hugo felt outraged by a translation in verse of Homer into French: “It is monstrous and untenable”, stating that “a translation in verse of anyone, made by anyone, seems [to him] absurd, impossible and chimerical”, thus a priori suggesting that Victor Hugo is an advocate of untranslatability. In his youth, Victor Hugo understood any translation to be forbidden, a taboo, assigning the utmost importance to the author himself. But his point of view will evolve with time. The work done by his son, François-Victor Hugo, from 1858 to 1866, would bring him a new horizon in the field of translation. Hard work, thus leading to a reevaluation of the task of the translator, by treading a laborious, yet stimulating path. Tributary of his time, Victor Hugo gives us a whole new process of renewal of ideas around French discourse on translation. This article aims to delve into the universe of Victor Hugo in order to clarify such an individual evolutionary perspective throughout the nineteenth century. We will do so by analysing his writings on a chronological basis, starting from the works written in his early youth to those published during exile.

Keywords: Translation. Evolution. Victor Hugo.

* Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos Comunicação e Cultura (CECC), Lisboa, Portugal.
ORCID: 0000-0001-6290-955X

•

1. Introdução

Regressemos ao século XIX e reflitamos sobre a tradução através das obras de Victor Hugo; para compreender melhor a evolução do seu pensamento, procurámos na sua vasta obra os vestígios deixados pelo autor relativamente à tradução ou aos tradutores. Só depois de efetuarmos este trabalho preliminar e de eliminarmos as obras que não faziam referência à tradução é que conseguimos identificar as linhas mestras da nossa investigação; analisadas cronologicamente, estas obras fornecem-nos elementos importantes que nos permitem apreciar a sua evolução, a partir da sua prática ou não, da sua aceitação ou não, para um ato criativo, passando por uma extrema preocupação de fidelidade ao original. À medida que o pensamento de Victor Hugo se foi desenvolvendo, outras reflexões teóricas foram surgindo, trazendo à luz outros teóricos. Através de *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie*, *Le journal d'un jeune jacobite de 1819*, *A un traducteur d'Homère*, *Revendication de Gil Blas par les espagnols*, *Cromwell*, *Les Traducteurs*, *William Shakespeare* et la *Préface pour la nouvelle traduction de Shakespeare par François-Victor Hugo*, veremos que a tradução terá um bom caminho a percorrer no século XIX antes de ser aceite e reconhecida. Inicialmente, qualquer tradução é profanação: o tradutor é um inimigo público.

Com Victor Hugo, surgiu um certo número de interrogações que nos permitirá examinar com maior profundidade todas as circunstâncias em que a tradução será desenvolvida. O próprio Victor Hugo era um tradutor? A tradução é uma imitação? O que é uma boa ou má tradução? Será que uma má tradução tem algum mérito? Como traduzir? Quais são as dificuldades que o tradutor terá de enfrentar? Quais são as funções do tradutor? Todas estas questões abrem caminho para aquilo que a tradução se tornou hoje em dia.

2. Victor Hugo, tradutor?

Alguns investigadores afirmam que Victor Hugo era ele próprio um tradutor; outros, pelo contrário, afirmam categoricamente que Victor Hugo nunca foi um tradutor. Qual é a situação factual? Em que ponto nos encontramos exatamente? É verdade que Victor Hugo foi sensibilizado para as línguas estrangeiras desde muito cedo graças às missões/viagens profissionais do seu pai a Nápoles, no sul de Itália, e depois a Madrid em Espanha. Em *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie*, é claramente mencionado que Victor Hugo traduziu os *Eglogues* de Virgílio e as *Odes* de Horácio em verso, passando estas obras do latim para o francês: “o latim passou para o inimigo: um dos exercícios das suas horas de vigília foi traduzir para o francês as *Odes* de Horácio ou os *Eglogues* de Virgílio, que ele

“... tinha sido obrigado a decorar” (Hugo, 1885b, p. 208).¹ É mesmo especificado que: “Durante os três anos que passou no internato do Cordier (1815–1818) em 1815, – Victor Hugo tinha treze anos – fez (...) imitações de Ossian, traduções de Virgílio, Horácio, Lucano (César passa o Rubicão), Ausone, Martial...” (Hugo, 1885b, p. 210).² Talvez possamos ver aqui, não o que poderíamos chamar uma verdadeira obra de tradução em si, reconhecida como tal, mas uma formação linguística juvenil, um “exercício”, como o autor bem diz, embora o resultado seja o de um processo de tradução que implica um duplo domínio do ato de traduzir, o de compreender e apropriar-se da palavra escrita (em latim) e o de a transcrever (em francês). O próprio Victor Hugo confessou em *A un traducteur d’Homère*: “Disso, eu sei algo, eu, que rimei em francês (que escondi cuidadosamente até agora) quatro ou cinco mil versos de Horácio, Lucano e Virgílio; eu, que sei tudo o que se perde de um hexâmetro que é transferido para um alexandrino” (Hugo, 1885a, p. 132).³ Esta confissão constitui, no entanto, uma má experiência, onde a noção de perda é na realidade sentida quando se traduz poesia. De facto, Victor Hugo, por experiência própria, admite que o processo de tradução é um processo complexo, cujo resultado não é necessariamente satisfatório ou mesmo aceitável. Voltaremos a este assunto. Muito mais tarde na sua vida, aproveitaria “a oportunidade para fazer saber que [ele] é um tradutor que não traduz” (Hugo, 1934–1937b, p. 343)⁴; o facto é que a tradução continua a ser um assunto que lhe diz respeito.

3. Primeira produção literária: o resultado de uma tradução cuidadosa

Outro momento na vida de Victor Hugo que está diretamente relacionado com a tradução é o da *Histoire de Gil Blas de Santillane*. De facto, a sua primeira produção literária foi o resultado de uma tradução meticulosa. Em 1818 (tinha apenas dezasseis anos), Victor Hugo, a pedido de François de Neufchâteau, membro da Academia, examinou a questão de saber se Le Sage era o autor de *Gil Blas* ou se o tinha retirado de algum autor espanhol: “Para responder à honrosa confiança do herdeiro de Voltaire, deu-se ao trabalho de traduzir toda a demonstração do jesuíta, esclarecendo-a e refutando-a com notas e comentários. O resultado foi que a Espanha não tinha nada a reivindicar em *Gil Blas*, e que Le Sage era de facto o autor do seu livro” (Hugo, 1885c, p. 13).⁵ No entanto, é interessante ver aqui que Victor Hugo coloca as duas palavras “traduções” e “imitações” ao mesmo nível, considerando-as semelhantes: ele considera que Le Sage “fez traduções

¹ Versão original: “le latin passait à l’ennemi : un des exercices de ses veilles était de traduire en vers français les *Odes* d’Horace ou les *Églogues* de Virgile qu’on lui avait fait apprendre par cœur”.

² Versão original: “Pendant les trois ans qu’il passa à la pension Cordier (1815–1818) en 1815, – Victor Hugo avait treize ans – il fit (...) des imitations d’Ossian, traductions de Virgile, d’Horace, de Lucain (*César passe le Rubicon*), d’Ausone, de Martial ...”.

³ Versão original: “Et j’en sais quelque chose, moi, qui ai rimé en français (ce que j’ai soigneusement caché jusqu’à ce jour) quatre ou cinq mille vers d’Horace, de Lucain et de Virgile ; moi, qui sais tout ce qui se perd d’un hexamètre qu’on transvase dans un alexandrin”.

⁴ Versão original: “l’occasion pour faire savoir qu’[il est] un traducteur qui ne traduit pas”.

⁵ Versão original: “pour répondre à l’honorable confiance de l’héritier de Voltaire, il prit la peine de traduire toute la démonstration du jésuite, en l’éclairant et en la réfutant par des notes et des commentaires. Le résultat était que l’Espagne n’avait rien à revendiquer dans *Gil Blas*, et que Le Sage était bien l’auteur de son livre”.

ou antes imitações que tiveram muito sucesso” (Hugo, 1885c, p. 68).⁶ Esta assimilação entre os dois termos pode também ter sido retirada dos autores do *Dictionnaire Historique Portatif* (1755), ao qual Victor Hugo se refere em relação a Le Sage e que “(...) incluem Gil Blas de Santillane entre as traduções ou imitações da língua espanhola” (Hugo, 1885c, p. 69).⁷ A conjunção "ou" marca claramente a equivalência das designações entre estes dois termos. No domínio da tradução, este problema é relevante: a tradução é uma imitação? Esta interrogação leva-nos obviamente de volta ao teórico francês da tradução, Antoine Berman. Para ele, a tradução é “uma cópia do original, na medida em que visa geralmente produzir um texto que se lhe assemelha, mas é também uma cópia na medida em que - materialmente falando - copia (embora noutra língua) o original linha a linha” (Berman, 1971, p. 49).⁸ Além disso, argumenta em *La Traduction et La Lettre, ou L'auberge du Lointain*, que o ato de tradução é comparável a “qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outro tipo de transformação formal” (Berman, 1999, p. 29).⁹ Ao seguir de perto a estrutura do texto original, “para desenhar uma semelhança exata” (Houdart de la Motte, 1754, p. 111),¹⁰ o tradutor dá assim toda a importância à tradução literal em nome da autenticidade e da fidelidade ao texto original. No entanto, voltando a Victor Hugo, que demonstrou claramente nesta reivindicação que *Gil Blas* de Le Sage era uma obra independente, e não uma reprodução, afirma na abertura que “a primeira obra – de Le Sage – foi uma tradução parafraseada das cartas de Aristêneto, um autor grego” (Hugo, 1885c, p. 68).¹¹ Vejamos esta expressão utilizada por Victor Hugo, uma “tradução parafraseada”. Se, para ele, uma tradução é uma imitação, esta imitação, de acordo com a experiência de Le Sage, pode ser alargada através de paráfrase. Note-se que Corneille já tinha recorrido a este procedimento técnico no século XVII: “traduzir por amplificação” (Corneille, 1862, p. 95).¹² Referindo-se a uma cena do *Le Cid*, escreveu em 1660, “além disso, apenas a parafraseei a partir dos espanhóis” (Corneille, 1862, p. 95).¹³ Esta seria uma “tradução mais arrojada”, para usar a expressão de Houdart de la Motte, entre aquelas “que podem antes ser consideradas como imitações, que mantêm o meio termo entre a tradução simples e a paráfrase” (Houdart de la Motte, 1754, p. 111).¹⁴ Como Umberto Eco nos garante, a tradução é “dizer quase a mesma coisa noutra língua” (Eco, 2007, p. 9).¹⁵ O advérbio "quase" é uma porta aberta para as muitas possibilidades que a tradução oferece, alargando também o debate,

⁶ Versão original: “a donné des traductions ou plutôt des imitations qui ont eu beaucoup de succès”.

⁷ Versão original: “(..) comptent Gil Blas de Santillane parmi les traductions ou imitations de la langue espagnole”.

⁸ Versão original: “copie de l’original en ce qu’elle vise communément à produire un texte qui lui ressemble, mais elle l’est également en ce que – matériellement parlant – elle “recopie” (certes en une autre langue) l’original ligne à ligne”.

⁹ Versão original: “tout texte s’engendrant par imitation, parodie, pastiche, adaptation, plagiat, ou toute autre espèce de transformation formelle”.

¹⁰ Versão original: “pour en tirer une ressemblance exacte”.

¹¹ Versão original: “le premier ouvrage – de Le Sage – fut une traduction paraphrasée des lettres d’Aristénète, auteur grec”.

¹² Versão original: “traduire en amplifiant”.

¹³ Versão original: “outre que je n’ai fait que la paraphraser de l’espagnol”.

¹⁴ Versão original: “qui peuvent plutôt passer pour des imitations, qui tiennent le milieu entre la traduction simple et la paraphrase”.

¹⁵ Versão original: “dire presque la même chose dans une autre langue”.

que ainda permanece aberto: será que uma tradução é uma pura imitação? Quão longe pode o tradutor ir ao “copiar o original” (Berman, 1971, p. 103)? Victor Hugo referir-se-á também nesta alegação à tarefa real do tradutor, que ele considera, por outras palavras, como sendo copistas: “tradutores ou (o que é frequentemente a mesma coisa) – este aparte é do próprio Victor Hugo – copistas” (Hugo, 1885c, p. 65),¹⁶ diz, dirigindo-se a eles no seu prólogo. Na sua opinião, esta é uma tarefa menor, de interesse muito secundário, não muito digna: “(...) dedicar-se a um trabalho tão mecânico como o de uma tradução: um homem que poderia esperar da sua idade e ocupação um trabalho mais sério, mais útil e não menos agradável, é uma verdadeira pena *e fa moltá pietá*” (Hugo, 1885c, pp. 74–75).¹⁷ Os comparativos acima mencionados de superioridade e inferioridade traduzem bem o seu raciocínio, reforçados pelo adjetivo “verdadeira” e pelo substantivo negativo “pena”; O leitor sente nas suas palavras que deplora sinceramente esta lamentável tarefa. A expressão italiana que termina o seu pensamento, que significa “e faz muita pena”, reforça o sentimento doloroso que sente em relação a este trabalho subalterno, esta tarefa inferior de tradução, que igualmente descreve como “mecânica”. Para Victor Hugo, a tradução era na altura um trabalho que era feito instintivamente ou automaticamente, sem que lhe fosse dada muita atenção. Com a idade e todo o trabalho envolvido na tradução de Shakespeare, empreendido pelo seu filho – doze anos de trabalho – veremos que ele mudará a sua opinião.

4. Tradução vista como uma proibição

Segue-se um terceiro documento, que é crucial, à época, no debate de tradução. Em *Le Journal d'un Jeune Jacobite de 1819*, Victor Hugo dirige-se diretamente “a um tradutor de Homero” cujo nome não é mencionado, apenas o seu trabalho, e esse último exaspera Victor Hugo: “A sua tradução ainda está verde, [você, o autor] está muito feliz por estar a tempo de a queimar. Uma tradução de Homero para verso francês!” (Hugo, 1885a, p. 132)¹⁸; toda esta exasperação de Victor Hugo está fortemente marcada neste ponto de exclamação, assim como na utilização do verbo “queimar”. Victor Hugo considera Homero um autor sagrado – um génio – que não pode ser traduzido. A tradução – que ele se recusa a ler – é vista como uma profanação, um ultraje. A poesia é essencialmente intraduzível, e esta ideia recebida serve para condenar antecipadamente qualquer tentativa, o que Victor Hugo sustenta veementemente: “Declaro que uma tradução em verso de qualquer pessoa, por qualquer pessoa, parece-me absurda, impossível e quimérica” (Hugo, 1885a, p. 132).¹⁹ Isto leva-nos ao cerne do problema da tradução, à consciência dos problemas de tradução, e ao debate sempre presente sobre os ganhos e perdas da tradução. Este conceito de intraduzibilidade é muitas vezes ilustrado pela

¹⁶ Versão original: “traducteurs ou (ce qui est souvent la même chose) copistes”.

¹⁷ Versão original: “(...) se dévouer à un travail aussi machinal que celui d’une traduction : un homme qui pouvait attendre de son âge et de ses occupations des travaux plus sérieux, plus utiles, et non moins agréables c’est vraiment dommage *e fa moltá pietá*”.

¹⁸ Versão original: “votre traduction est encore en porte-feuille, vous êtes bien heureux d’être à temps pour la brûler. Une traduction d’Homère en vers français !”

¹⁹ Versão original: “Je déclare qu’une traduction en vers de n’importe qui, par n’importe qui, me semble chose absurde, impossible et chimérique”.

expressão italiana *Traduttore, traditore*, ‘traduzir é trair’ ou literalmente ‘tradutor, traidor’. A fidelidade é impossível, especialmente quando se trata de poesia. O tradutor nunca conseguirá tornar o texto original – o poema – satisfatoriamente no texto de destino. O resultado deveria ser catastrófico: “A pura simplicidade de Homero tem sido sempre um obstáculo perigoso para os tradutores” (Hugo, 1885a, p. 132).²⁰ Aqui, Victor Hugo coloca dois antónimos em paralelo; esta referência à simplicidade de Homero não pode desacreditar a dificuldade da tradução, ou mesmo a sua impossibilidade. É uma causa garantida de fracasso. De acordo com Henri Meschonnic, ao traduzir, perdemos inevitavelmente a poética da língua. Este facto realça a importância das sonoridades e ritmos na língua de origem, que são difíceis de transferir para outra língua; o resultado é “monstruoso e insuportável” (Hugo, 1885a, p. 132), acrescenta Victor Hugo. Estes são os argumentos dos defensores da intraduzibilidade. O tradutor é também aqui visto como um “pigmeu” ou um “anão”, termos largamente pejorativos à altura que indicavam o desprezo de Victor Hugo: “Entre todos os povos, os copistas impotentes e os tradutores insípidos desfiguraram (os) poemas [de Homero]” (Hugo, 1885a, p. 132).²¹ Outra consideração negativa para os tradutores é o adjetivo “insípido”, que mais uma vez evidencia o desprezo de Victor Hugo, e que também realça a sua incapacidade de desempenhar corretamente a sua tarefa, uma vez que ‘desfigura’ o texto original. A relação entre o original e a tradução é enfatizada; a poesia é tão difícil de traduzir que Victor Hugo sente que qualquer tradução é proibida, sendo um tabu; “Quem a deveria traduzir?” (Hugo, 1885a, p. 132)²² Esta pergunta, deixada em aberto, violenta a atividade do(s) tradutor(es) cujo trabalho não é, nessa altura, de forma alguma reconhecido por Victor Hugo. São apenas pessoas sem talento, sem mérito, sem crédito em comparação com o próprio autor/ poeta, ‘sagrado’, portanto intocável.

Embora Victor Hugo não se dirija diretamente ao tradutor, mas ao próprio poeta, ele usa as mesmas palavras no seu prefácio a *Cromwell* em 1828:

“Que o poeta tenha cuidado sobretudo em copiar qualquer pessoa, não mais Shakespeare do que Moliere, não mais Schiller do que Corneille. Se o verdadeiro talento pudesse abdicar da sua própria natureza, e assim deixar de lado a sua originalidade pessoal, como para se transformar em outra pessoa, perderia tudo ao desempenhar este papel de sócia” (Hugo, 1885d, p. 45).²³

A expressão “quem quer que seja” lembra-nos instantaneamente aquela que foi utilizada em 1819, “qualquer pessoa”. Esta advertência contrasta a ideia do original, do verdadeiro e do autêntico, assim como a da cópia, da reprodução, da imitação; Victor Hugo refere-se não só à noção de reescrita, mas também à noção de perda ligada a esta

²⁰ Versão original: “La seule simplicité d’Homère a de tout temps été l’écueil des traducteurs”.

²¹ Versão original: “Chez tous les peuples, d’impuissants copistes et d’insipides traducteurs ont défiguré (les) poèmes [d’Homère]”.

²² Versão original: “Qui, faudrait-il donc être pour le traduire ?”.

²³ Versão original: “Que le poète se garde surtout de copier qui que ce soit, pas plus Shakespeare que Molière, pas plus Schiller que Corneille. Si le vrai talent pouvait abdiquer à ce point de sa propre nature, et laisser ainsi de côté son originalité personnelle, pour se transformer en autrui, il perdrait tout à jouer ce rôle de Sosie”.

reescrita; ao transformar-se no outro, o poeta (poderíamos muito bem dizer o tradutor), teria a formidável tarefa de ‘se duplicar’, de ser o sócia/o duplo do autor imitado, isto na sua própria língua. Este excerto remete-nos para o século XVI quando Jacques Peletier du Mans na sua *L’Art Poétique d’Horace Traduit en Vers Français* (1541) definiu corretamente o processo de tradução como uma forma de imitação. De facto, Peletier afirma que “o género mais verdadeiro de imitação é traduzir. Pois imitar nada mais é do que querer fazer o que outro faz: assim faz o tradutor” (Peletier, 1541, citado por Guillermin, 1984, p. 20).²⁴ Encontramos em Peletier a ideia de imitar/copiar e transformar-se no outro: o tradutor “escraviza-se não só à invenção dos outros, mas também à Disposição; e novamente à Elocução enquanto puder” (Peletier, 1555 citado por Guillermin, 1984, p. 20).²⁵ Victor Hugo, por outro lado, critica veementemente este comportamento, que desaprova totalmente em nome do "verdadeiro" talento. No entanto, vale a pena ler a nota que Victor Hugo escreveu sobre esta passagem. Nela, o autor pretende esclarecer o seu pensamento: “Para além disso, quando dizemos que nem Shakespeare nem Schiller devem ser copiados, referimo-nos àqueles imitadores desajeitados que, procurando regras onde estes poetas apenas puseram genialidade, reproduzem a sua forma sem o seu espírito, a sua casca sem a sua seiva” (Hugo, 1885d, p. 551).²⁶ Existe de facto uma imitação/reprodução sempre associada a esta ideia de perda inegável, reforçada pela repetição da preposição "sem". No entanto, forma e espírito, casca e seiva são elementos inseparáveis.

5. Abertura de espírito: quem deveria traduzir?

Victor Hugo continua: “Ouvimos falar destes imitadores desajeitados (...), mas não das traduções habilmente feitas (...)” (Hugo, 1885d, p. 551).²⁷ Será que esta contradição, pouco habitual até agora, que não esperávamos no autor que recusou qualquer tradução, levaria a uma mudança de perspetiva em relação aos tradutores? Por um lado, teríamos um mau trabalho (a acusação de maus tradutores) e, por outro, um excelente trabalho, que distinguiria o imitador do tradutor. De facto, Victor Hugo está a responder à pergunta que tinha deixado por responder alguns anos antes: Quem, então, deveria traduzir? Deveriam ser “outros verdadeiros poetas” (Hugo, 1885d, p. 551)²⁸, segundo Victor Hugo. Depois cita a senhora Tastu e Emile Deschamps, “verdadeiros poetas”: “Senhora Tastu traduziu excelentemente várias cenas de Shakespeare [Ênfase no advérbio ‘excelentemente’]. Emile Deschamps está atualmente a reproduzir Romeu e Julieta para o nosso teatro, e tal é a poderosa elasticidade do seu talento que ele coloca todo o Shakespeare nos seus versos

²⁴ Versão original: “la plus vraie espèce d’imitation, c’est de traduire. Car imiter n’est autre chose que vouloir faire ce que fait un autre : ainsi fait le traducteur”.

²⁵ Versão original: “s’asservit non seulement à l’invention d’autrui, mais aussi à la Disposition ; et encore à l’Elocution tant qu’il peut”.

²⁶ Versão original: “Du reste, en disant qu’on ne doit pas copier ni Shakespeare ni Schiller, nous entendons parler de ces imitateurs maladroits qui, cherchant des règles où ces poètes n’ont mis que du génie, reproduisent leur forme sans leur esprit, leur écorce sans leur sève”.

²⁷ Versão original: “Nous entendons parler de ces imitateurs maladroits (..) mais non des traductions habilement faites (..)”.

²⁸ Versão original: “d’autres vrais poètes”.

como já tinha colocado todo o Horácio neles” (Hugo, 1885d, p. 551).²⁹ Este reconhecimento, que é na melhor das hipóteses surpreendente e notável, é dado num vocabulário laudatório que valoriza o talento destas duas pessoas. Victor Hugo define este notável dom como “a obra de um artista e de um poeta, um labor que não exclui nem a originalidade, nem a vida, nem a criação” (Hugo, 1885d, p. 551).³⁰ Nesta nota, admite que existem maus imitadores e bons tradutores, estes últimos, dotados para esta atividade, só podem ser poetas, ‘verdadeiros’ poetas, possuindo o génio que lhe é associado. E este génio passará para a sua tradução, mesmo que esta tarefa seja considerada trabalhosa. Só os génios podem traduzir os génios. Esta passagem é um ponto de viragem; mostra a mudança de convicções até agora defendidas por Victor Hugo, desempenhando um papel essencial na renovação de ideias, levando-nos a perguntar a nós próprios o que faz uma boa ou má tradução.

6. O que é uma boa ou má tradução?

Será que uma tradução é considerada ‘boa’ se for fiel ao original, respeitando as equivalências semânticas e estilísticas do texto original? O critério de fidelidade é bastante prezado por Victor Hugo: “Quanto à tradução em si, é fiel, sincera, teimosa na sua resolução de obedecer ao texto; é modesta e orgulhosa; não tenta ser superior a Shakespeare” (Hugo, 1934–1937a, p. 244).³¹ Para Victor Hugo, a fidelidade obediente é a primeira qualidade de uma tradução: “Obedecer é onde brilha o poder do tradutor” (Hugo, 1934–1937b, p. 340)³²; “o verdadeiro tradutor (...) subordina-se ao original, e subordina-se com autoridade. A superioridade manifesta-se nesta obediência soberana” (Hugo, 1934–1937b, pp. 340–341).³³ Mas, nas palavras de Victor Hugo, “será isto exequível hoje?” (Hugo, 1934–1937b, p. 341).³⁴ Para Jacques Derrida, uma boa tradução “honra a sua dívida e faz o seu trabalho ou dever inscrevendo na língua de destino o equivalente mais relevante de um original, a língua mais exata, apropriada e relevante” (Derrida, 2005, p. 16).³⁵ Obediência soberana ao original? Segundo Umberto Eco, “a tradução ótima é a que mantém o maior número possível de níveis do texto traduzido reversível” (Eco, 2007, p. 81).³⁶ Renovemos a nossa pergunta: obediência soberana ao original? De facto, para Georges Mounin, “a tradução consiste em produzir na língua de

²⁹ Versão original: “M^{me} Tastu a excellentement traduit plusieurs scènes de Shakespeare [Soulignons l’adverbe “excellamment”]. M. Emile Deschamps reproduit en ce moment pour notre théâtre *Roméo et Juliette*, et telle est la souplesse puissante de son talent, qu’il fait passer tout Shakespeare dans ses vers comme il y a déjà fait passer tout Horace”.

³⁰ Versão original: “un travail d’artiste et de poète, un labeur qui n’exclut ni l’originalité, ni la vie, ni la création”.

³¹ Versão original: “Quant à la traduction en elle-même, elle est fidèle, sincère, opiniâtre dans la résolution d’obéir au texte ; elle est modeste et fière ; elle ne tâche pas d’être supérieure à Shakespeare”.

³² Versão original: “Obéir, c’est là qu’éclate la puissance du traducteur”.

³³ Versão original: “le traducteur vrai (...) se subordonne à l’original, et se subordonne avec autorité. La supériorité se manifeste dans cette obéissance souveraine”.

³⁴ Versão original: “est-ce là une chose aujourd’hui faisable ?”.

³⁵ Versão original: “honore sa dette et fait son travail ou son devoir en inscrivant dans la langue d’arrivée l’équivalent le plus relevant d’un original, le langage le plus juste, approprié, pertinent”.

³⁶ Versão original: “est optimale la traduction qui permet de garder comme réversibles le plus grand nombre de niveaux du texte traduit”.

destino o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua de origem, primeiro no que diz respeito ao significado e depois no que diz respeito ao estilo” (Mounin, 1963, p. 12).³⁷ Não é, portanto, tão certo que encontraremos esta obediência soberana, de acordo com os nossos contemporâneos. Apesar deste critério absoluto e exigente de fidelidade, Victor Hugo não rejeita certas transições, que por vezes considera necessárias quando “a ideia, traduzida por palavras rigorosamente correspondentes, se torna outra” (Hugo, 1934–1937b, p. 349).³⁸ De facto, Vinay e Darbelnet consideravam “que o bom tradutor não traduz apenas palavras, mas o pensamento por detrás delas e que para isso se refere constantemente ao contexto e à situação” (Vinay & Darbelnet, 1960, p. 63).³⁹ É com as dificuldades tidas pelo seu filho na tarefa de traduzir Shakespeare que Victor Hugo é levado a refletir sobre os problemas da tradução: “por vezes a tradução deve expandir-se” (Hugo, 1934–1937a, p. 241),⁴⁰ essencialmente para que o público possa aceitar o que é estrangeiro, aquele público cujas “inteligências [ainda] não são muito recetivas”⁴¹ à altura. O processo de tradução é um processo extremamente complexo. Quais são então os critérios linguísticos e estéticos que definem uma *boa* tradução? Mencionemos quatro deles:

- Precisão ou fidelidade ao texto original, embora discussões que sempre se basearam na distinção entre fidelidade e infidelidade na tradução nunca tenham realmente definido estes limites de liberdade ou literalidade. Esta dualidade entre tradução livre e tradução literal tem sido perpetuada ao longo do tempo.
- Legibilidade; “As línguas não encaixam, não têm a mesma configuração” (Hugo, 1934–1937b, p. 349),⁴² por isso é por vezes necessário “trazer e alargar o significado das palavras a aceitações estrangeiras” (Hugo, 1934–1937b, p. 348).⁴³
- Adaptação ao destinatário; a cultura de acolhimento deve ser tida em conta em relação à cultura do Outro.
- Adequação ou aceitabilidade. De acordo com Meschonnic, “uma boa tradução deve fazer e não apenas dizer. Deve, tal como o texto, transportar e ser transportado” (Meschonnic, 1999, p. 22).⁴⁴ Transporta uma mensagem, daí a importância do seu conteúdo; o seu alcance seria o seu significado, as suas intenções, sempre em função do contexto histórico em que foi produzido.

Cada tradução é marcada pelo seu contexto, pela *cor do seu tempo*, devendo-nos fazer refletir sobre este facto. Victor Hugo di-lo explicitamente: “o tradutor tem o

³⁷ Versão original: “la traduction consiste à produire dans la langue d’arrivée l’équivalent naturel le plus proche du message de la langue de départ, d’abord quant à la signification puis quant au style”.

³⁸ Versão original: “l’idée, traduite par les mots rigoureusement correspondants, devient autre”.

³⁹ Versão original: “que le bon traducteur ne traduit pas seulement des mots mais la pensée qui est derrière et que pour cela, il se réfère constamment au contexte et à la situation”.

⁴⁰ Versão original: “quelquefois la traduction doit se dilater”.

⁴¹ Versão original: “les intelligences [sont] encore peu ouvertes”.

⁴² Versão original: “Les langues ne s’ajustent pas, elles n’ont point la même configuration”.

⁴³ Versão original: “amener et allonger le sens des mots à des acceptations étrangères”.

⁴⁴ Versão original: “la bonne traduction doit faire et non seulement dire. Elle doit, comme le texte, être porteuse et portée”.

momento dado como seu colaborador” (Hugo, 1934–1937b, p. 341).⁴⁵ Explicará também, mostrando-nos a sua evolução de pensamento, porque qualquer tradução era impossível no início do século XIX: “Nesta inapetência, descrita como ‘bom gosto’, uma tradução pura, completa e generosa, sem empobrecimento e sem conexão a qualquer poeta, não era possível em França; nem mesmo de Horácio, nem mesmo de Virgílio” (Hugo, 1934–1937b, p. 342).⁴⁶ O público não estava preparado. É uma questão de moral, mentalidade e de gosto; foi necessária uma aceitação gradual: “a culpa é dos tempos, certos séculos refinados são repugnantes a grandes coisas e grandes obras” (Hugo, 1934–1937b, p. 344).⁴⁷ Victor Hugo inclusive usou o termo “antipatias nacionais” (Hugo, 1934–1937b, p. 350).⁴⁸ Defendeu da mesma forma a necessidade de abrir o gosto e o espírito franceses a outras formas de beleza, a outros autores, a outros “gênios” estrangeiros, através da tradução, a fim de enriquecer “um povo sem empobrecer o outro”. Percecionamos assim que a recepção também deveria ser tomada em consideração nestas práticas de tradução no meio cultivado do século XIX: “Passo a passo, tal é a lei das traduções. Os poetas de raça não podem ser inseridos todos ao mesmo tempo na mente de uma nação que não os tenha suportado. (...) É de transição em transição que o público os vai aceitar” (Hugo, 1934–1937b, p. 346).⁴⁹ Esta passagem gradual e recomendada à aceitação das traduções, leva à noção de etapas progressivas na tradução, etapas a percorrer, como Victor Hugo defenderia, para chegar a uma versão final. A versão final da tradução é a “boa”, a melhor. Isto implica que já houve ‘más’ traduções que precederam à ‘boa’. Podemos assim dar mérito a uma má tradução? De acordo com Victor Hugo, sim! E esta ideia é muito importante: há sempre espaço para melhorias. “Com todas as reservas e até certo ponto, somos a favor de todas as traduções” (Hugo, 1934–1937b, p. 341),⁵⁰ porque, como o escritor justifica, “todas são más e todas são boas, até ao momento em que a verdade definitiva possa ser admitida” (Hugo, 1934–1937b, p. 341)⁵¹, ou seja, até ao momento em que a perfeição seja alcançada. É por esta razão que “não excluimos da nossa tolerância nenhum tradutor, nem mesmo aqueles que, inocentemente, são quase parodistas. Também eles têm a sua razão de ser” (Hugo, 1934–1937b, p. 342).⁵² Os parodistas seriam assim os piores tradutores; Victor Hugo menciona, por outro lado, os “meios-tradutores” que “são iniciadores úteis. Habitua o olho pouco a pouco” (Hugo, 1934–1937b, p. 346).⁵³

⁴⁵ Versão original: “le traducteur a pour collaborateur le moment donné”.

⁴⁶ Versão original: “Dans cette inappétence, qualifiée ‘bon goût’, une traduction pure, complète et généreuse, sans alliage et sans appauvrissement, d’aucun poète, n’était possible en France ; pas même d’Horace, pas même de Virgile”.

⁴⁷ Versão original: “la faute est à l’époque, de certains siècles raffinés répugnent aux grandes choses et aux grandes œuvres”.

⁴⁸ Versão original: “d’antipathies nationales”.

⁴⁹ Versão original: “Pas à pas, telle est la loi des traductions. Les poètes de race ne peuvent être insérés tout d’une pièce dans l’esprit d’une nation qui ne les a point portés. (...) C’est de transition en transition que le public arrive à les accepter”.

⁵⁰ Versão original: “Sous toutes réserves et dans une certaine mesure, nous sommes pour toutes les traductions”.

⁵¹ Versão original: “toutes sont mauvaises et toutes sont bonnes, jusqu’au moment où le vrai définitif peut être admis”.

⁵² Versão original: “nous n’excluons de notre tolérance aucun traducteur, pas même ceux qui, innocemment, sont presque des parodistes. Ils ont, eux aussi, leur raison d’être”.

⁵³ Versão original: “sont des initiateurs utiles. Ils habituent l’œil peu à peu”.

Cada tradução ‘má’, retrabalhada, é útil; é uma tentativa, um esboço, uma preparação para um resultado final: “chega um dia em que o tradutor definitivo aparece” (Hugo, 1934–1937b, p. 347).⁵⁴ Victor Hugo está convencido de que o seu filho é o ‘tradutor definitivo’ de Shakespeare.

Estes três últimos documentos, a que nos referimos, datam do período de exílio, quando Victor Hugo se comprometeu a escrever o Prefácio para a nova tradução de Shakespeare por François-Victor Hugo (1865), seu filho. Este projeto de prefácio resultará não só em sua obra *William Shakespeare* (14 de abril de 1864), mas também no anteriormente referido prefácio e numa reflexão intitulada *Les Traducteurs*, que fazendo parte de *William Shakespeare*, poucas vezes com ele, é publicada. Nestes anos de exílio do escritor, é por ele desencadeada uma verdadeira evolução na prática da tradução, uma mudança radical no seu pensamento sobre a tradução: “O perigo de traduzir Shakespeare desapareceu hoje em dia. Já não se é um inimigo público para isso. Mas se o perigo já não existe, a dificuldade mantém-se” (Hugo, 1934–1937a, p. 239).⁵⁵ Neste prefácio encontramos reflexões consideráveis sobre como traduzir e não parodiar, como fez Pierre Le Tourneur, tradutor de Shakespeare mencionado por Victor Hugo (Hugo, 1934–1937a, p. 240). A insistência é realçada pela repetição do verbo traduzir:

“Traduzindo Shakespeare, traduzindo-o verdadeiramente, traduzindo-o com confiança, traduzindo-o abandonando-se a ele, traduzindo-o com a honesta simplicidade e orgulhosa do entusiasmo, não fugindo a nada, não omitindo nada, não amortecendo nada, não escondendo nada, não lhe colocando um véu quando está descoberto, não lhe colocando uma máscara quando é sincero (...) dizer a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade, traduzi-lo como se testemunha, não trair (...) traduzir Shakespeare do inglês para o francês, que obra monumental!” (Hugo, 1934–1937a, p. 240).⁵⁶

7. Reconhecimento do trabalho do tradutor

A tarefa do tradutor, que Victor Hugo anos antes tinha desprezado, é agora por ele revalorizada. Restabelecendo o seu prestígio com esta sua exclamação final: “Que obra monumental!” (Hugo, 1934–1937a, p. 240). No entanto, há sempre uma dificuldade subjacente que prevalece. A tarefa do tradutor está longe de ser fácil. Também atribui ao tradutor valores específicos tais como honestidade, entusiasmo, sinceridade, veracidade... qualidades morais inerentes ao desempenho da sua própria tarefa. Como se estes fossem um pré-requisito absolutamente necessário. O tradutor é comparado a uma testemunha que jura perante o tribunal ‘dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade’. A tradução é um verdadeiro juramento, um compromisso sagrado. “Neste momento onde nos encontramos, no século XIX” (Hugo, 1934–1937b, p. 341),⁵⁷ Victor Hugo reconhece

⁵⁴ Versão original: “il vient un jour où le traducteur définitif paraît”.

⁵⁵ Versão original: “Le danger de traduire Shakespeare a disparu aujourd’hui. On n’est plus un ennemi public pour cela. Mais si le danger n’existe plus, la difficulté reste”.

⁵⁶ Versão original: “Traduire Shakespeare, le traduire réellement, le traduire avec confiance, le traduire en s’abandonnant à lui, le traduire avec la simplicité honnête et fière de l’enthousiasme, ne rien éluder, ne rien omettre, ne rien amortir, ne rien cacher, ne pas lui mettre de voile là où il est nu, ne pas lui mettre de masque là où il est sincère (...) dire la vérité, toute la vérité, rien que la vérité, le traduire comme on témoigne, ne point trahir (...) répercuter Shakespeare de l’anglais en français, quelle entreprise !”.

⁵⁷ Versão original: “A cette heure où nous sommes du dix-neuvième siècle”.

finalmente o trabalho do tradutor: a atividade de tradução é um trabalho de parto, um “trabalho severo”, um “trabalho duro e sério, e cheio de dificuldades”, um “trabalho austero”, uma “tarefa inquieta, quase assustadora”, uma “obra de solidão” (Hugo, 1934–1937b, p. 341) porque “nada é mais trabalhoso do que fazer coincidir dois idiomas (...)” (Hugo, 1934–1937b, p. 241).⁵⁸

Eis algumas das dificuldades que o tradutor terá de enfrentar: expressões que parecem não ter equivalente possível, estilo, linguagem, significado metafísico, significado histórico, significado lendário. Antes de qualquer tradução, portanto, é necessário fazer algum trabalho preliminar a fim de ficar completamente nela imerso: “É necessário antes de tudo familiarizar-se com Shakespeare” (Hugo, 1934–1937a, p. 242).⁵⁹ No caso em apreço, Shakespeare é o autor a ser traduzido, mas isto seria válido para qualquer autor estrangeiro; para Victor Hugo, “é necessária uma biblioteca inteira” (Hugo, 1934–1937a, p. 242)⁶⁰; acrescenta: “o verdadeiro tradutor deve fazer um esforço para ler tudo o que Shakespeare leu” (Hugo, 1934–1937a, p. 242)⁶¹, e a lista é longa, como se pode ver pela repetição de “é necessário ler...” [*il faut lire*] no decorrer das páginas seguintes. De facto, “compreender [o autor que o tradutor vai traduzir, neste caso Shakespeare] é a tarefa. Toda esta erudição tem o seguinte objetivo: alcançar um poeta. É o *caminho das pedras* para este paraíso” (Hugo, 1934–1937a, p. 243; grifo meu).⁶²

Na investigação é essencial tentar reviver o que o autor queria, o que sentia; compreendê-lo, compreender o seu pensamento, a sua vida. Estas são necessidades evidentes para quem se proponha traduzir um autor estrangeiro. Entrar de corpo e alma no contexto, tanto no contexto literário – há que captar o espírito do texto a traduzir – como no contexto histórico. Victor Hugo dirá que ao traduzir Shakespeare, o seu filho também retratou a Inglaterra; a sua relação com a História não pode ser descartada. Depois deste árduo trabalho, depois de todos os obstáculos encontrados e resolvidos, o tradutor só pode obter uma satisfação extrema. A sua recompensa é o seu próprio esforço. Esta ‘formidável aventura’ de traduzir transporta uma mensagem, uma tomada de consciência tardia, e ainda mais importante, destacando através da própria arte da tradução, uma das funções do tradutor no final do século: o enriquecimento; enriquecimento da língua: “estas transições de um idioma para outro (...) necessárias para este agrupamento de ideias, são muito úteis, primeiro para a preservação, depois para a transformação das línguas” (Hugo, 1934–1937b, pp. 351–352)⁶³; enriquecimento da literatura: “Traduzir um poeta estrangeiro é aumentar a poesia nacional” (Hugo, 1934–

⁵⁸ Versão original: “rien n’est plus laborieux que de faire coïncider (..) deux idiomes”.

⁵⁹ Versão original: “Il faut d’abord se mettre au fait de Shakespeare”.

⁶⁰ Versão original: “toute une bibliothèque est nécessaire”.

⁶¹ Versão original: “le vrai traducteur doit faire effort pour lire tout ce que Shakespeare a lu”.

⁶² Versão original: “arriver à comprendre [l’auteur que le traducteur va traduire, en l’occurrence ici Shakespeare], telle est la tâche. Toute cette érudition a ce but: parvenir à un poète. C’est le chemin de pierres de ce paradis”.

⁶³ Versão original: “ces transitions d’un idiome à l’autre (..) nécessaires à cette mise en communion des idées, elles sont des plus utiles, d’abord à la conservation, puis à la transformation des langues”.

1937a, p. 237)⁶⁴; enriquecimento da cultura: “É através [dos tradutores] que o génio de uma nação visita o génio de outra” (Hugo, 1934–1937b, p. 348).⁶⁵

O tradutor tem este poder de revelar o Outro, o Estrangeiro, mas esta revelação só é possível se tiver um público; a tradução, como vemos precisamente em Victor Hugo, está dependente das expectativas e possibilidades do público num determinado momento da história.

8. Conclusão

Ao analisar as obras de Victor Hugo, que, tal como a sua vida, abrangeram todo o século XIX, penetrámos no mundo da tradução; As próprias concepções do autor permitiram-nos conhecer o pensamento sobre a tradução durante este período, assim como para além deste, explorando os conceitos de outros autores importantes neste campo, tais como Jacques Peletier du Mans (século XVI), Corneille (século XVII), Houdart de la Motte (século XVIII), Antoine Berman, Georges Mounin, Henri Meschonnic, Jacques Derrida, Umberto Eco ou mesmo Vinay e Darbelnet (nossos contemporâneos). Esta jornada ao longo do tempo, por nós percorrida, enriqueceu os nossos conhecimentos e permitindo-nos seguir as tendências da tradição literária e da reflexão teórica sobre a tradução em França.

Se, quando jovem, Victor Hugo, pensava que o tradutor nunca satisfatoriamente conseguiria tornar o texto original no texto de destino, condenando antecipadamente qualquer tradução, estava de facto a seguir os costumes do seu tempo; em primeiro lugar, não aceitava em circunstância alguma a profanação de um autor sagrado (como Homero ou Virgílio), considerando a poesia essencialmente intraduzível; em segundo lugar, não aceitava em circunstância alguma um autor estrangeiro cuja cultura lhe fosse desconhecida e indesejável. No entanto, este tabu de Victor Hugo foi sendo posto em causa pelo escritor com o decorrer do tempo. Como resultado, a partir da década de 1860, os tradutores, esses ‘outros reveladores’, foram gradualmente reconhecidos por Victor Hugo, em nome do enriquecimento da sua própria língua (francês), literatura e cultura em geral. Não esqueçamos que, a tradução depende dos gostos e expectativas do público: “não é o público que faz o poeta, mas é o público que faz o tradutor” (Hugo, 1934–1937b, p. 341).⁶⁶

O estudo das obras de Hugo permitiu-nos traçar uma perspetiva evolutiva da teoria da tradução durante o século XIX; Victor Hugo revelou assim como a cultura francesa pensava sobre o ato de traduzir, e determinou tanto a sua natureza, como o seu lugar neste contexto particular. No final do século, os tradutores, através do seu trabalho, seriam vistos como um elo valioso na cadeia do conhecimento do Outro, construtores de “pontes entre os povos” (Hugo, 1934–1937b, p. 348).⁶⁷

⁶⁴ Versão original: “Traduire un poète étranger, c’est accroître la poésie nationale”.

⁶⁵ Versão original: “C’est par [les traducteurs] que le génie d’une nation fait visite au génie d’une autre nation”.

⁶⁶ Versão original: “ce n’est pas le public qui fait le poète, mais c’est le public qui fait le traducteur”.

⁶⁷ Versão original: “de ponts entre les peuples”.

Referências

- Berman, A. (1971). *L'âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire*. Denoël.
- Berman, A. (1999). *La traduction et la lettre, ou l'auberge du lointain*. Seuil.
- Corneille, P. (1862). *Examen du Cid*. In : Œuvres de P. Corneille, tome 3. Edition Marty-Laveaux.
- Derrida, J. (2005). *Qu'est-ce qu'une traduction "relevante"*. Cahier de l'Herne.
- Eco, U. (2007). *Dire presque la même chose. Expériences de traduction*. Grasset.
- Guillerm, L. (1980-84). La topique de la traduction au XVI^e siècle en France. *Revue des sciences humaines*, 3(180), 6–31.
- Houdart de la Motte, A. (1754). De la traduction. In *Du discours sur Homère, Tome second, Œuvres de Monsieur Houdart de la Motte : l'un des Quarante de l'Académie*, p. 351 Chez Prault, l'aîné.
- Hugo, F-V. (1865), *Œuvres complètes de William Shakespeare, Préface de la nouvelle traduction de Victor Hugo*. Pagnere Libraire Editeur.
- Hugo, V. (1885a). Œuvres complètes de Victor Hugo, illustrées de gravure à l'eau-forte d'après les dessins de François Flameng, *Philosophies I, Littérature et philosophie mêlées, Journal d'un jeune jacobite de 1819, A un traducteur d'Homère*. Edition Hetzel-Quantin.
- Hugo, V. (1885b). Œuvres complètes de Victor Hugo, illustrées de gravure à l'eau-forte d'après les dessins de François Flameng, *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie. Œuvres de première jeunesse II, XXIX, Premières relations avec l'Académie*. Edition Hetzel-Quantin.
- Hugo, V. (1885c). Œuvres complètes de Victor Hugo, illustrées de gravure à l'eau-forte d'après les dessins de François Flameng, *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie. Œuvres de première jeunesse II, Revendication de Gil Blas par les espagnols*. Edition Hetzel-Quantin.
- Hugo, V. (1885d). Œuvres complètes de Victor Hugo, illustrées de gravure à l'eau-forte d'après les dessins de François Flameng, *Drame I – Cromwell*. Edition Hetzel-Quantin.
- Hugo, V. (1934–1937a). Œuvres complètes de Victor Hugo, *Préface pour la nouvelle traduction de Shakespeare par François-Victor Hugo*, Philosophie 2 [publiées par Paul Meurice, puis par Gustave Simon]. Albin Michel.
- Hugo, V. (1934–1937b). Œuvres complètes de Victor Hugo, *Reliquat, Les Traducteurs*, Philosophie 2 [publiées par Paul Meurice, puis par Gustave Simon]. Albin Michel.
- Hugo, V. (1934–1937c). Œuvres complètes de Victor Hugo, *William Shakespeare*, Philosophie 2 [publiées par Paul Meurice, puis par Gustave Simon]. Albin Michel.
- Meschonnic, H. (1999). *Poétique du traduire*. Verdier.
- Mounin, G. (1963). *Les problèmes théoriques de la traduction*. Gallimard.
- Vinay & Darbelnet (1960). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Didier.

[recebido em 18 de abril de 2023 e aceite para publicação em 28 de novembro de 2023]